

## **RELAÇÕES COM A ESCOLA E EXPECTATIVAS QUANTO AO FUTURO EM JOVENS BRASILEIROS**

## **RELATIONSHIPS SCHOOL AND EXPECTATIONS FOR TO THE FUTURE IN YOUNG BRAZILIAN**

## **LAS RELACIONES CON LA ESCUELA Y EXPECTATIVAS DE FUTURO EN JÓVENES BRASILEÑOS**

*Cássia Ferrazza Alves<sup>1</sup>*

*Jana Gonçalves Zappe<sup>2</sup>*

*Naiana Dapieve Patias<sup>3</sup>*

*Débora Dalbosco Dell’Aglío<sup>4</sup>*

**RESUMO:** Este trabalho teve o objetivo de analisar as percepções de jovens brasileiros sobre as relações com a escola, suas expectativas quanto ao futuro e ao desempenho escolar. Participaram 3.081 jovens de 11 a 24 anos, de diversas regiões do Brasil, que responderam a um questionário sobre fatores de risco e proteção. Os dados indicaram que os jovens possuem uma visão positiva da escola e de seus professores. Essas percepções são diferenciadas pela idade e pelo desempenho escolar, visto que os mais velhos e com melhor desempenho tendem a perceber de maneira mais positiva as relações com a escola. Esses aspectos também contribuem para suscitar diferenças nas expectativas quanto ao futuro dos jovens. Salienta-se a importância de considerar as percepções dos jovens sobre a escola, pois estas se relacionam com o desempenho acadêmico e com o desenvolvimento psicossocial em um sentido mais amplo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescentes. Escola. Desenvolvimento Humano. Expectativas futuras.

**ABSTRACT:** This study aimed to analyze the perceptions of young Brazilians on the relationship with the school, their expectations for the future and school performance. Participated 3,081 young people aged 11 to 24 years, from different regions of Brazil, who answered a questionnaire on risk and protective factors. Data indicated that young people have a positive view of the school and their teachers. These perceptions are distinguished by age and school performance, and the oldest with better performance

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia (UFRGS), Doutoranda em Psicologia (UFRGS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Psicologia do Desenvolvimento Humano. *E-mail:* cassiaferrazza@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia (UFRGS), Doutora em Psicologia (UFRGS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Psicologia do Desenvolvimento Humano. *E-mail:* janazappe@hotmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia (UFRGS), Doutoranda em Psicologia (UFRGS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Psicologia do Desenvolvimento Humano. *E-mail:* naipatias@hotmail.com.

<sup>4</sup> Doutora em Psicologia (UFRGS), Docente do curso de Pós-Graduação em Psicologia (UFRGS). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Psicologia do Desenvolvimento Humano. *E-mail:* dalbosco@cpovo.net.

tend to regard more positive relations with the school. These aspects also contribute to differences in expectations for the future of young people. The importance of considering the perceptions of young people about the school is highlighted, considering that these are related to the academic performance and psychosocial development in a broader sense.

**KEYWORDS:** Adolescents. School. Human Development. Future expectations.

**RESUMEN:** El presente estudio tuvo como objetivo analizar la percepción de los jóvenes brasileños sobre las relaciones con la escuela, sus expectativas sobre el futuro y el rendimiento escolar. Participaron 3.081 jóvenes 11 a 24 años de edad, de diferentes regiones de Brasil, que respondieron a un cuestionario sobre factores de riesgo y de protección. Los datos indicaron que los jóvenes tienen una visión positiva de la escuela y sus maestros. Estas percepciones se diferencian por edad y el rendimiento escolar donde los más viejos y con mejor desempeño tienden a percibir las relaciones más positivas con la escuela. Estos aspectos también contribuyen a las diferencias en las expectativas sobre el futuro de los jóvenes. Se señala la importancia de considerar las percepciones de los jóvenes acerca de la escuela, pues estas se relacionan con el desempeño académico y el desarrollo psicosocial en un sentido más amplio.

**PALABRAS CLAVE:** Adolescentes. Escuela. Desarrollo Humano. Las expectativas de futuro.

## **INTRODUÇÃO**

A escola é uma instituição social responsável pela educação de crianças e adolescentes, a qual possibilita a continuidade do desenvolvimento psicossocial que inicia no ambiente familiar. Além de ser um espaço de transmissão de conhecimentos formais e de desenvolvimento acadêmico, é também um ambiente em que ocorrem trocas interpessoais significativas que podem ou não favorecer o desenvolvimento infanto-juvenil em um sentido mais amplo. O acesso à escola no Brasil é alto na infância, mas diminui durante a adolescência. Segundo levantamento recente, o acesso à escola é de 97,4% para a população de seis a 14 anos e de 87,7% na faixa etária de 15 a 19 anos de idade (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013). Assim, o espaço escolar pode ser considerado como um contexto propício para a promoção do desenvolvimento integral, pois atinge a maioria das crianças e dos jovens brasileiros.

Para que a escola se constitua como um ambiente protetivo e favoreça o desenvolvimento de crianças e jovens, é fundamental que ela seja percebida positivamente, como espaço de apoio e promoção do desenvolvimento (BARBOSA; CAMPOS; VALENTIM, 2011; CARDOSO; MALBERGIER, 2014). Aspectos que podem favorecer o estabelecimento de trocas positivas com adultos são a existência de vínculo positivo e a sintonia entre adolescentes e adultos, em que ambos “falem a mesma língua”, além de o jovem perceber que é acolhido e não julgado por suas ideias (DROLET; ARCAND, 2013). No entanto, a escola pode se constituir como um fator de risco ao desenvolvimento quando é percebida negativamente, quando há ausência de relações afetivas entre professores e alunos, presença de estigmas e práticas discriminatórias, falta de negociação de normas e valores, entre outros (CAMARGO, 2009).

Estudos têm descrito o quanto a escola configura-se como um contexto de desenvolvimento positivo quando os estudantes se sentem bem neste ambiente e estabelecem relações satisfatórias com professores, técnicos e pares. A presença de apoio dos professores, colegas e família influencia na satisfação do jovem com o ambiente escolar (SIDDALL; HUEBNER; JIANG, 2013). A escola também pode influenciar em diversos aspectos, tais como autoestima, formação cidadã, autoeficácia, criatividade, confiança, otimismo, desempenho escolar, saúde mental, satisfação de vida e expectativas quanto ao futuro (AMPARO et al., 2008; ANDRADE; ACLE-TOMASINI, 2012; BARBOSA; CAMPOS; VALENTIM, 2011; COUTINHO et al., 2005; CARDOSO; MALBERGIER, 2014; JOYCE; EARLY, 2014; SIDDALL; HUEBNER; JIANG, 2013; WANG; ECCLES, 2012). Em um estudo com adolescentes brasileiros, foi identificada a presença de percepção positiva das interações entre estudantes e escola, assim como relações significativas entre escola e variáveis, como autoestima, autoeficácia e perspectivas para o futuro (MARQUES; DELL'AGLIO, 2013).

Nesse sentido, as expectativas quanto ao futuro têm sido consideradas como um importante aspecto do desenvolvimento na adolescência, pois esta etapa do curso da vida é marcada por escolhas e investimentos relacionados à construção de um projeto de vida. A expectativa quanto ao futuro pode ser definida como a antecipação, no presente, de metas futuras, refletindo uma integração do futuro cronológico ao espaço de vida presente por meio de processos motivacionais. Estas metas podem ser relativamente próximas, como concluir o Ensino Médio e passar em alguma universidade, ou mais distantes, como engajar-se em um emprego que garanta qualidade de vida (LOCATELLI; BZUNECK; GUIMARÃES, 2007).

Em um estudo de revisão sobre como os adolescentes visualizam o seu futuro, foi identificado que os objetivos e interesses dos adolescentes se referem às principais tarefas do desenvolvimento do final da adolescência e início da vida adulta, incluindo principalmente preocupações relativas a trabalho e à educação, o que não varia de acordo com questões culturais. Em seguida, os adolescentes têm interesse em casamento e construção de uma família, atividades de lazer e preocupações com aspectos materiais. Esses interesses variam de acordo com a idade, o sexo e a cultura (NURMI, 1991).

A forma como a escola é percebida influencia fortemente as expectativas quanto ao futuro dos estudantes. Coutinho et al. (2005) investigaram a relação entre a escola e o modo como os jovens imaginam o seu futuro. Estudantes que perceberam a escola de maneira positiva acreditam na sua importância, visualizam um futuro com mais possibilidades, além de imaginarem que podem conquistar a profissionalização escolhida. No entanto, estudantes que perceberam esse contexto de maneira mais negativa, não demonstraram a intenção de buscar qualificação profissional, manifestando mais fortemente a intenção de trabalhar.

As expectativas quanto ao futuro influenciam o desempenho escolar, pois as expectativas educacionais são preditoras de realização acadêmica e expectativas ocupacionais são preditoras de realização ocupacional na vida adulta (BEAL; CROCKETT, 2010). Diante disso, compreende-se que a relação com a escola e as expectativas quanto ao futuro são aspectos inter-relacionados que influenciam o desenvolvimento durante a adolescência, com consequências que podem afetar o desempenho acadêmico e a realização na vida adulta. Nesse sentido, este trabalho teve por objetivo conhecer a percepção de jovens brasileiros sobre as relações com a escola e suas expectativas quanto ao futuro, e as relações destes construtos com o desempenho escolar.

## **MÉTODO**

### **Delineamento**

O estudo foi realizado a partir da construção de um banco de dados conjunto que agrupou os resultados de pesquisas realizadas durante os anos de 2009 a 2012 em escolas públicas de diferentes locais do Brasil com um mesmo instrumento, o Questionário da Juventude Brasileira Versão Fase II (DELL'AGLIO et al., 2011). Configura-se como uma pesquisa de caráter transversal, quantitativa, descritiva e inferencial (CRESWELL, 1994).

### **Participantes**

Participaram deste estudo 3.081 jovens, estudantes de escolas públicas, com idades entre 11 e 24 anos ( $M=16,22$ ;  $DP=2,43$ ). 41,5% eram meninos e 57,3% meninas, moradores das cidades de Fortaleza (Ceará), Vitória e região metropolitana de Espírito Santo, Belém (Pará), Hidrolândia (Goiás), Porto Alegre e Rio Grande (Rio Grande do Sul). 61,8% dos participantes estavam estudando no Ensino Médio, 34,5% estavam finalizando o Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries), enquanto 3,7% estudavam na 4ª, 5ª, 6ª série do Ensino Fundamental e também no Ensino de Jovens Adultos (EJA). As escolas visitadas nas capitais e regiões metropolitanas para coleta de dados foram sorteadas e o número mínimo de estudantes participantes foi estabelecido através de cálculo amostral, compondo assim uma amostra representativa. Nas outras cidades do interior (Hidrolândia e Rio Grande), a amostra foi estabelecida por conveniência.

### **Instrumentos**

Foi utilizado o Questionário da Juventude Brasileira (DELL'AGLIO et al., 2011) o qual é composto por 77 questões que avaliaram fatores de risco e proteção em adolescentes e jovens. Para este estudo, foram utilizadas as questões referentes às percepções sobre a relação

com a escola e as expectativas quanto ao futuro, além de dados sociodemográficos e sobre o desempenho escolar (reprovação escolar).

Com relação à percepção sobre a relação com a escola, foi utilizada a questão 18 do questionário (Escala de Relações com a Escola), composta por sete itens e em formato de tipo *Likert* (1=Discordo totalmente a 5=Concordo totalmente). Os itens buscam conhecer a percepção do jovem sobre sua relação com o contexto escolar, tais como “Eu me sinto bem quando estou na escola” e “Posso contar com meus professores”. Para um escore total nessa escala, foram somados os valores de cada item, podendo variar de 7 a 35 pontos.

As expectativas quanto ao futuro foram investigadas a partir da questão 76, que foi construída com base no instrumento construído por Günther e Günther (1998), contendo nove itens em escala tipo *Likert* com cinco opções de resposta que avaliavam quais as chances que acreditavam ter de terminar o Ensino Médio, ingressar em uma universidade, ter um emprego, ter uma família, entre outros (1=Chances muito baixas a 5=Chances muito altas). O escore da escala foi computado mediante a soma dos valores de cada item, podendo variar de 9 a 45 pontos.

## PROCEDIMENTOS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O banco de dados foi composto a partir de dados coletados por pesquisas que foram aprovadas pelos Comitês de Ética das universidades das cidades participantes. Os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes foram assegurados, tendo como base a Resolução nº 466 (BRASIL, 2013). A direção das escolas assinou o Termo de Concordância quanto à realização da pesquisa e os pais ou responsáveis pelos adolescentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A aplicação do instrumento ocorreu coletivamente, nas salas de aula, com uma duração média de 60 minutos.

## ANÁLISE DE DADOS

Foram realizadas estatísticas descritivas e inferenciais com o objetivo de verificar a percepção dos adolescentes sobre as relações com a escola, suas expectativas quanto ao futuro e aos indicadores de desempenho escolar. Além disso, correlações de *Pearson* e testes *t* de *Student* para amostras independentes também foram realizados.

## RESULTADOS

Quanto ao desempenho escolar, os resultados indicam que quase metade dos estudantes (48,8%) já foram reprovados. Desses, 25,8% reprovaram uma vez; 14,3%, duas e

5,1%, três vezes. 3,1% já foi expulso da escola, seja por brigas ou faltas; e 4,3% dos jovens parou de estudar para trabalhar. Apesar do alto número de reprovações, observa-se que a evasão escolar em função do trabalho e a expulsão não foram altas na amostra. No entanto, deve-se considerar que muitos adolescentes que foram expulsos ou evadiram da escola em função de terem que trabalhar, provavelmente estão fora do contexto escolar; portanto, não foram acessados na pesquisa realizada.

As relações com a escola foram avaliadas a partir da Escala de Relações com a Escola, cujo total variou de 7 a 35 pontos, com média de 25,66 ( $dp=5,52$ ) e um *Alpha de Cronbach* de 0,72, o que demonstra boa consistência da escala. Sobre a percepção dos jovens acerca das relações com a escola, os dados indicaram que a maioria dos jovens percebe a escola de forma positiva, como um ambiente onde se sentem bem, gostam de ir e estabelecem relações satisfatórias. A Tabela 1 apresenta os resultados, que são bastante semelhantes aos encontrados no estudo realizado por Marques e Dell’Aglío (2013), que utilizaram a mesma escala em uma amostra de estudantes de escolas públicas de Porto Alegre/RS. Pode-se observar que as médias mais altas se referem aos itens “sentir-se bem na escola” e “gostar de ir para a escola”, enquanto que as médias mais baixas estão relacionadas a “confiar nos colegas” e “contar com técnicos da escola”.

**Tabela 1:** Percepção dos jovens sobre as relações com a escola

Item		1	2	3	4	5	Média
“Eu me sinto bem quando estou na escola”	%	4,1	8,9	11,4	33,9	41,7	4
	F	124	270	345	1029	1264	( $dp=1,12$ )
“Gosto de ir para a escola”	%	4,8	8,6	11,1	33,4	42,1	3,99
	F	145	259	336	1010	1272	( $dp=1,14$ )
“Gosto da maioria dos meus professores”	%	8,4	16,1	13,5	31	31	3,60
	F	255	487	408	938	937	( $dp=1,30$ )
“Quero continuar meus estudos nessa escola”	%	15,4	8,1	12,6	14,9	49	3,74
	F	464	246	381	451	1479	( $dp=1,50$ )
“Posso contar com meus professores”	%	7,6	13,2	17,2	29,2	32,9	3,67
	F	228	398	518	880	991	( $dp=1,26$ )
“Posso contar com os técnicos da escola”	%	12,3	12,5	16,5	26,6	32,2	3,54
	F	369	375	497	802	869	( $dp=1,37$ )
“Confio nos colegas da escola”	%	17	17,6	18,7	30,5	16,2	3,11
	F	514	531	564	921	489	( $dp=1,34$ )

\*Nota: 1 (Discordo totalmente), 2 (Discordo um pouco), 3 (Não concordo nem discordo), 4 (Concordo em parte), 5 (Concordo totalmente).

Análises de correlação de *Pearson* indicam que a idade dos jovens foi positivamente correlacionada com a média da Escala de Relações com a Escola e os estudantes de maior idade possuem uma visão mais positiva da escola do que os mais jovens ( $r=0,04$ ;  $p=0,04$ ). Da mesma forma, o número de reprovações na escola foi correlacionado negativamente com os escores da escala ( $r=-0,05$ ;  $p=0,004$ ), ou seja, jovens com maior número de reprovações avaliam de forma mais negativa suas relações com a escola. Testes *t de Student* para amostras independentes foram realizadas com o intuito de comparar os resultados na Escala de Relações com a Escola dos jovens e o desempenho escolar, considerando a reprovação escolar como um indicador. Para isso, os participantes foram divididos em dois grupos: um grupo com os participantes que nunca reprovaram e outro grupo com aqueles que já reprovaram alguma vez. Os jovens que já reprovaram na escola apresentaram médias significativamente mais baixas no total da escala ( $t=2,77$ ;  $gl=3037$ ;  $p=0,006$ ). Sobre os itens da escala analisados separadamente, constatou-se que os jovens com reprovações escolares obtiveram médias mais baixas e a diferença foi estatisticamente significativa nas seguintes afirmações: “Eu me sinto bem quando estou na escola” ( $t=5,24$ ;  $gl=2941,2$ ;  $p<0,001$ ); “Gosto de ir para a escola” ( $t=3,73$ ;  $gl=2975,9$ ;  $p<0,001$ ) e “Confio nos colegas da escola” ( $t=2,02$ ;  $gl=3016$ ;  $p=0,04$ ).

As expectativas quanto ao futuro foram avaliadas através de uma escala na qual o total da pontuação variou de 9 a 45 pontos com média de 37,77 ( $dp=6,04$ ) e um *Alpha de Cronbach* de 0,86. Foi observado que a maioria dos adolescentes apresenta expectativas altas ou muito altas com relação a todos os itens avaliados. As expectativas mais altas referem-se a ser saudável a maior parte do tempo, ter amigos que darão apoio e ter uma família, enquanto as expectativas mais baixas foram de ter um emprego que garanta boa qualidade de vida e entrar na universidade. Os resultados estão expressos na Tabela 2.

**Tabela 2:** Expectativas quanto ao futuro

Item		1	2	3	4	5	Média
“Concluir o Ensino Médio”	%	2,5	2,6	15,0	29,3	50,6	4,23
	f	71	75	431	839	1448	(dp=0,96)
“Entrar na universidade”	%	5,5	8,8	24,8	28,7	32,1	3,73
	f	159	253	710	823	920	(dp=1,16)
“Ter um emprego que me garanta boa qualidade de vida”	%	2,5	4,0	18,2	32,5	42,8	4,09
	f	72	114	520	930	1224	(dp=0,99)
“Ter minha casa própria”	%	2,8	2,8	14,7	30,6	49,1	4,21
	f	79	80	421	876	1406	(dp=0,98)
“Ter um trabalho que me dará satisfação”	%	1,9	3,2	14,9	31,4	48,6	4,22
	f	55	92	427	902	1396	(dp=0,94)
“Ter uma família”	%	3,3	3,9	11,7	25,4	55,7	4,26
	f	93	112	334	726	1588	(dp=1,03)
“Ser saudável a maior parte do tempo”	%	1,3	2,2	12,3	29,4	54,9	4,34
	f	36	63	354	843	1575	(dp=0,87)
“Ser respeitado na minha comunidade”	%	1,8	2,9	15,1	32,0	48,3	4,22
	f	53	83	432	917	1385	(dp=0,93)
“Ter amigos que me darão apoio”	%	2,0	3,3	12,6	23,9	58,1	4,33
	f	57	96	364	688	1674	(dp=0,95)

\*Nota: 1 (Muito Baixas), 2 (Baixas), 3 (Cerca de 50%), 4 (Altas), 5 (Muito Altas)

Análises de Correlação de *Pearson* foram realizadas considerando as variáveis idade, número de reprovações, pontuação total na Escala de Relações com a Escola e pontuação total na Escala de Expectativas quanto ao Futuro, sendo identificadas correlações estatisticamente significativas. Foram identificadas correlações negativas e estatisticamente significativas entre a idade e a pontuação na Escala de Expectativas quanto ao Futuro ( $r=-0,08$ ;  $p<0,001$ ) e entre número de reprovações e a pontuação na Escala de Expectativas quanto ao Futuro ( $r=-0,11$ ;  $p<0,001$ ). Correlação positiva e estatisticamente significativa foi identificada entre a pontuação na Escala de Relações com a Escola e a pontuação na Escala de Expectativas quanto ao Futuro ( $r=0,22$ ,  $p<0,001$ ).

Teste *t de Student* para amostras independentes foi realizado a fim de verificar diferenças entre as médias. Jovens que já reprovaram na escola apresentaram médias mais baixas na escala, sendo essa diferença estatisticamente significativa ( $t=4,87$ ;  $gl=2745,7$ ;  $p<0,001$ ). Ao analisar os itens separadamente, foi constatado que os jovens que tiveram reprovações escolares obtiveram médias mais baixas, sendo essa diferença estatisticamente significativa nos itens: “Concluir o Ensino Médio” ( $t=8,94$ ;  $gl=2654,2$ ;  $p<0,001$ ); “Entrar na Universidade” ( $t=7,89$ ;  $gl=2704,4$ ;  $p<0,001$ ); “Ter um emprego que me garanta boa qualidade

de vida” ( $t=5,24$ ;  $gl=2648,7$ ;  $p<0,001$ ); “Ter minha casa própria” ( $t=3,24$ ;  $gl=2697,8$ ;  $p<0,001$ ) e “Ter um trabalho que me dará satisfação” ( $t=2,61$ ;  $gl=2707,7$ ;  $p=0,009$ ).

## DISCUSSÃO

Os resultados indicam a presença de dificuldades no desempenho escolar dos jovens participantes da pesquisa, uma vez que quase metade apresenta reprovações. Outros estudos também encontraram altos índices de reprovação entre adolescentes estudantes de escolas públicas do Brasil, o que é bastante preocupante, uma vez que a reprovação escolar, além de dificultar o ingresso ao mercado de trabalho e melhores condições socioeconômicas (MIGUEL; RIJO; LIMA, 2012), também pode desencadear efeitos negativos na autoestima e na motivação dos alunos, favorecendo a estigmatização e os comportamentos discriminatórios (AMPARO et al., 2008; MARQUES; DELL’AGLIO, 2013). Nossos resultados indicaram que a reprovação está associada à percepção de uma relação mais negativa com a escola e também com expectativas mais baixas com relação ao futuro. No entanto, não se pode inferir a direção dessa relação, ou seja, se é a menor percepção de relações positivas com a escola que promove mais reprovações, ou se é o maior número de reprovações que diminui a percepção de sentir-se bem na escola.

Mais especificamente, o resultado de médias inferiores quanto a “sentir-se bem na escola”, “gostar de ir para a escola” e “confiar nos colegas da escola”, entre adolescentes com reprovações, pode estar associado à presença de comportamentos discriminatórios entre os pares ou ainda a processos de exclusão no ambiente escolar, o que pode explicar a percepção de baixa satisfação no contexto escolar. Além disso, o fato de que os adolescentes que já reprovaram também apresentaram expectativas quanto ao futuro mais baixas pode refletir os efeitos negativos da reprovação na motivação dos adolescentes para a elaboração de metas para o futuro ou, no sentido inverso, os efeitos da baixa motivação em planejar o futuro e buscar um bom desempenho escolar.

Em geral, a maioria dos participantes percebe que “pode contar com os membros do contexto escolar” e “gostam de estar na escola”, sendo essa percepção mais alta entre os jovens que nunca reprovaram. Esse é um resultado bastante favorável, uma vez que confirma a ideia de que a escola pode ser um ambiente protetivo e promotor do desenvolvimento saudável. Diversos estudos têm destacado a importância das relações positivas nos contextos de desenvolvimento de crianças e adolescentes (DROLET; ARCAND, 2013; JIANG; HUEBNER; SIDDALL, 2013; JOYCE; EARLY, 2014; POLETTO; KOLLER, 2008; SIDDALL; HUEBNER; JIANG, 2013). De fato, os alunos são capazes de perceber as expectativas dos professores em relação ao

seu desempenho e até mesmo agir de acordo com elas (OSTI; MARTINELLI, 2014). Contudo, não se sabe se a satisfação com a escola possibilita um melhor aproveitamento em termos de aprendizagem ou se o fato dos jovens terem melhor desempenho possibilita uma percepção mais positiva da escola. Em estudo realizado por Osti e Martinelli (2014), os alunos com melhor desempenho revelaram ser mais elogiados pelos professores quando comparados com os de menor desempenho. Já os de menor desempenho, afirmaram terem sido mais criticados pelos seus professores, bem como serem percebidos como bagunceiros e mentirosos. Os autores ressaltam que não se pode afirmar serem verdadeiras essas condições, mas são as percepções dos estudantes sobre a escola e seus professores capazes de influenciar suas atitudes e respostas na escola. Dessa forma, os estudantes que vivenciam situações positivas na escola, tendem a se sentirem mais confortáveis e seguros. O contrário também é verdadeiro, ou seja, alunos que vivenciam relações negativas podem desenvolver atitudes de rejeição em relação à escola, à desvalorização pessoal e ao baixo desempenho escolar.

Não obstante, Osti e Martinelli (2014) afirmam que o desempenho escolar não depende apenas das relações estabelecidas na escola – embora esta seja uma variável importante já citada por outros autores (BARBOSA; CAMPOS; VALENTIM, 2011; CARDOSO; MALBERGIER, 2014). Vários são os fatores que influenciam no desempenho escolar, dentre eles estão a boa relação professor e aluno, autoestima do aluno, participação da família e boa adaptação escolar. Dessa forma, não se pode afirmar que apenas o aluno é responsável pelo seu sucesso ou fracasso na escola. Além disso, não se pode apenas responsabilizar o professor, pois o desempenho de suas funções sofre influência de aspectos individuais e contextuais (OSTI; MARTINELLI, 2014).

Geralmente, a família e a escola são percebidas como os principais e mais importantes contextos que podem servir tanto como fatores de risco, como fatores de proteção ao longo do ciclo vital. Sobre a escola, os autores afirmam que ela pode servir como proteção, mitigando efeitos dos riscos em outros contextos, como na família, por exemplo (LISBOA; KOLLER, 2004; POLETTTO; KOLLER, 2008). Uma escola protetiva é aquela que possibilita um espaço saudável de formação e socialização, fornecendo o desenvolvimento de interações saudáveis entre professores e alunos e entre os alunos (AMPARO et al., 2008). O estímulo e o apoio dos educadores podem fornecer uma base segura para a aprendizagem e também para o crescimento pessoal do adolescente (JIANG et al., 2013). Embora a maior parte dos jovens concorde que a escola os apoia, a maioria “não pretende continuar os estudos nessa escola”. No entanto, esse resultado pode ser atribuído a outros fatores, como o fato de que a continuidade não ser possível ao terminar o ensino Médio o médio, ou ao concluir o ensino fundamental

quando a escola não oferece o Ensino Médio. Ou, por outro lado, pode-se pensar que muitos jovens, no Brasil, principalmente de camadas populares, abandonam a escola pela necessidade de trabalhar para se sustentar e ajudar no sustento familiar (SALES, 2014).

Os jovens com idade mais elevada tendem a perceber uma relação mais satisfatória com a escola do que os estudantes mais novos que eles, sugerindo que eles poderiam estar vivenciando diferentes etapas do desenvolvimento, partindo da adolescência inicial até o início da idade adulta. De acordo com Lerner e Galambos (1998), a adolescência é um momento de novas descobertas e, ao mesmo tempo, um momento que pode mostrar-se confuso devido às mudanças físicas e psicológicas com as quais o jovem deve adaptar-se. Esse momento de busca de autonomia, que pode ser estabelecido mediante processos de confronto e comportamento mais desafiador, pode ser percebido também em todos os contextos de interação, incluindo a escola e a relação entre colegas e professores, além da família.

Em comparação aos demais itens da Escala de Relações com a Escola, a confiança nos colegas foi o aspecto que apresentou menos positividade na percepção dos participantes. Os estudos demonstram o quanto o apoio dos colegas é importante para o desenvolvimento do jovem, pois influenciam na percepção de competência escolar, aceitação social, autoestima, e satisfação de vida e satisfação com a escola (CARDOSO; MALBERGIER, 2014; JIANG; HUEBNER; SIDDALL, 2013; SIDDALL; HUEBNER; JIANG, 2013; TABBAH; MIRANDA; WHEATON, 2012). Por outro lado, alguns jovens podem ser vítimas de *bullying* ou vitimização entre pares com agressão física, verbal, sexual ou intimidação no contexto escolar, aspectos que podem desfavorecer a percepção de que estes sejam confiáveis. No estudo de Turner et al. (2011), a maioria das vitimizações entre os pares ocorreu no contexto escolar, embora jovens tenham relatado serem vítimas em contextos fora da escola. Nesse sentido, é possível que a percepção sobre a escola também reflita aspectos relacionados a essas interações entre pares, que são mantidas no seu interior e que vão além da relação professor-aluno. De fato, estudos têm revelado como as interações, principalmente com professores e pares influenciam as percepções que crianças e adolescentes têm sobre a escola (BARBOSA; CAMPOS; VALENTIM, 2011; MIGUEL; RIJO; LIMA, 2012; CARDOSO; MALBERGIER, 2014). Portanto, é importante que a escola desenvolva atividades que possam minimizar a vitimização entre pares, assim como potencializar situações de apoio entre os pares na escola. Para isso, a oferta de ambientes protetores e espaços que envolvam atividades extracurriculares pode auxiliar na formação de vínculos entre os jovens, favorecendo o estabelecimento de relações positivas (DROLET; ARCAND, 2013).

Já no que diz respeito às expectativas quanto ao futuro, estas se relacionaram com a idade, o número de reprovações e a percepção que os jovens possuem sobre suas relações com

a escola. Jovens com idade mais elevada apresentaram expectativas mais baixas que os mais novos, resultado que pode estar relacionado com a aquisição de uma perspectiva mais realista e pessimista acerca das oportunidades disponíveis. Essa perspectiva mais pessimista parece se intensificar ao longo da adolescência em função de que os adolescentes partem de aspirações vagas e construídas com base em normas sociais e expectativas familiares. Porém, com a experiência, os jovens passam a perceber com maior clareza as oportunidades disponíveis, o que leva a um refinamento de suas expectativas e aspirações com relação ao futuro (BEAL; CROCKETT, 2010). O estudo de Sobrosa et al. (2014) sobre as expectativas em relação ao futuro profissional de adolescentes de classes socioeconômicas desfavorecidas, revelou que a maioria deles possui uma visão pessimista sobre o mercado de trabalho, visto como instável, difícil, competitivo, exigindo qualificação e desvalorizando os profissionais, de forma que o esforço pessoal é considerado o principal caminho para atingir os objetivos profissionais. Ademais, esses aspectos permitem compreender porque as expectativas mais baixas foram de entrar na universidade e ter um emprego que garanta satisfação, aspectos que estão diretamente relacionados com a oferta de oportunidades.

As expectativas quanto ao futuro também mostraram-se relacionadas com o desempenho escolar e a percepção da relação com a escola, sendo que os jovens sem reprovação e que percebem a escola de modo mais positivo foram os que apresentaram expectativas mais altas. De fato, outros estudos também apontam nessa direção, mostrando que a realização acadêmica está relacionada com as expectativas quanto ao futuro (BEAL; CROCKETT, 2010), e que a relação com a escola também influencia o modo como os jovens percebem o futuro (COUTINHO et al., 2005). Esses aspectos sugerem que fatores escolares influenciam não apenas o presente mas também as projeções futuras dos adolescentes. De fato, as reprovações parecem influenciar nos planos para o futuro dos jovens. Talvez os jovens acreditem em menor intensidade na expectativa em concluir seus estudos e nos planos em geral.

O estudo demonstrou, ainda, que o apoio da família e dos amigos em situações de aprendizagem ajuda nas questões escolares e que a percepção de apoio social influencia na satisfação da vida de maneira geral, não se limitando apenas à satisfação no contexto escolar (SIDALL; HUEBNER; JIANG, 2013). Quanto às expectativas, ao futuro e à percepção do jovem de considerá-las e efetivá-las, elas parecem ser influenciadas para além das questões escolares. Questões sociais e familiares, tais como a percepção do jovem sobre envolvimento dos pais no trabalho, também contribuem nas decisões de trabalho e de planos para o futuro no geral (HOWARD et al., 2010; WIESE; FREUND, 2011). Além disso, aspectos pessoais podem influenciar nos planos para o futuro. Em um estudo com meninas americanas, aquelas que

possuíam baixa autoeficácia buscavam planos mais tradicionais comparadas às meninas que apresentavam maior autoeficácia (NOVAKOVIC; FOAUD, 2012). Nesse sentido, a escola pode ser um ambiente estimulador para o jovem de forma a fazê-lo ir além de suas possibilidades que, por vezes, seriam para ele impossíveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou a percepção de estudantes sobre as relações com a escola, suas expectativas quanto ao futuro e indicadores de desempenho escolar. E alto índice de reprovação em jovens brasileiros foi identificado.

Quanto à percepção das relações com a escola, a maioria dos participantes percebeu a escola como um contexto favorável, pois a consideram um local onde gostam de estar e se sentem apoiados. Essa percepção é maior em jovens sem reprovação escolar e conforme aumenta a idade dos jovens.

Com relação às expectativas quanto ao futuro, foram identificadas que essas são altas ou muito altas para a maioria dos estudantes. Os jovens com idade mais elevada e que já reprovaram apresentam expectativas quanto ao futuro mais baixas se comparados a jovens com idade inferior a deles e que não reprovaram.

A percepção de relação com a escola e as expectativas quanto ao futuro estão relacionadas no sentido de que, quanto mais positividade é percebida na relação com a escola, mais altas são as expectativas de realização futura.

Os resultados deste estudo indicam que o desempenho escolar não está relacionado apenas à dedicação ao estudo em si mesmo, uma vez que também está associado com o modo como os estudantes percebem a sua relação com a escola e as expectativas que possuem quanto ao futuro.

Promover o estabelecimento de relações positivas entre estudantes, professores e demais participantes do contexto escolar, assim como incentivar o estabelecimento de metas futuras e oferecer oportunidades para alcançá-las, são tarefas que podem promover um desempenho escolar mais satisfatório. Por outro lado, é possível pensar que o desempenho escolar satisfatório também contribui para que as percepções sobre a relação com a escola sejam positivas e que as expectativas quanto ao futuro sejam mais altas.

Diante disso, destaca-se a importância de perceber a escola enquanto um espaço de proteção na adolescência, considerando todos os envolvidos neste ambiente, desde professores, técnicos, assim como alunos, suas famílias e membros da comunidade. A escola deve ser um

espaço de proteção social e emocional ao longo do desenvolvimento e, para isso, é necessário que sejam valorizados mecanismos que promovam o bem-estar e relações saudáveis, o que será capaz de desencadear aprendizagens positivas e crescimento psicossocial.

Por fim, cabe salientar as limitações deste estudo, que sugerem, conseqüentemente, questões para pesquisas futuras. A consideração pela perspectiva dos jovens sobre os aspectos investigados é um aspecto importante, uma vez que eles são os principais protagonistas nos processos de interação com a escola e de construção de perspectivas quanto ao futuro. No entanto, seria importante analisar as percepções de professores e outros profissionais da escola, assim como da família. Além disso, aspectos da dinâmica escolar também poderiam ser considerados, ampliando as possibilidades de análise. Desta forma, sugere-se que estudos futuros possam incluir outros participantes nas pesquisas.

Outra limitação que pode ser apontada refere-se ao método adotado. A abordagem quantitativa e o uso de um questionário permitiram a obtenção de uma ampla amostra e a de alguns indicadores sobre as questões investigadas, no entanto, não foi possível ter acesso a significados e concepções particulares sobre os aspectos investigados. Por exemplo, considera-se que, quando um adolescente responde sobre a expectativa de ter uma casa própria, ou um emprego, ele atribui a isso um significado que pode ser bastante diferente em outros casos. Assim, sugere-se a realização de pesquisas qualitativas que possam apreender os significados atribuídos aos diferentes aspectos investigados.

## REFERÊNCIAS

AMPARO, D. et al. A escola e as perspectivas educacionais de jovens em situação de risco. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 12, n. 1, p. 69-88, 2008.

ANDRADE, E.; ACLE-TOMASINI, G. Resiliencia, factores de riesgo y protección en adolescente mayas de Yucatán: elementos para favorecer la adaptación escolar. *Acta Colombiana de Psicología*, v. 15, n. 2, p. 53-64, 2012.

BARBOSA, A.; CAMPOS, R.; VALENTIM, T. A diversidade em sala de aula e a relação professor-aluno. *Estudos de Psicologia*, v. 28, n. 4, p. 453-461, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. *Diretrizes e normas para pesquisa envolvendo seres humanos*. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília: Diário Oficial da União; Poder Executivo, em 13 jun. 2013. Seção I, p. 59-62.

BEAL, S.; CROCKETT, L. Adolescents' occupational and educational aspirations and expectations: Links to high school activities and adult educational attainment. *Developmental Psychology*, v. 46, n. 1, p. 258-265, 2010.

- CAMARGO, L. S. *Concepções de adolescentes sobre a escola: do risco à proteção*. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.
- CARDOSO, L.; MALBERGIER, A. Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 18, n. 1, p. 27-34, 2014.
- COUTINHO, L. G. et al. Ideais e identificações em adolescentes de Bom Retiro. *Psicologia & Sociedade*, v. 17, n. 3, p. 33-39, 2005.
- CRESWELL, J. W. *Research design: Qualitative e quantitative approaches*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994.
- DELL'AGLIO, D. D. et al. Revisando o Questionário da Juventude Brasileira: uma nova proposta. In: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H. (Ed.). *Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 259-270.
- DROLET, M.; ARCAND, I. Positive development, sense of belonging, and support of peers among early adolescents: Perspectives of different actors. *International Education Studies*, v. 6, n. 4, p. 29-38, 2013.
- GÜNTHER, I. A.; GÜNTHER, H. Brasília pobres, Brasília ricas: Perspectivas de futuro entre adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 11, p. 191-207, 1998.
- HOWARD, K. et al. Future plans of urban youth: Influences, perceived barriers, and coping strategies. *Journal of Career Development*, v. 37, n. 4, p. 655-676, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- JIANG, X.; HUEBNER, E. S.; SIDDALL, J. A short-term longitudinal study of differential sources of school-related social support and adolescents school satisfaction. *Social Indicators Research*, v. 114, p. 1073-1086, 2013.
- JOYCE, H.; EARLY, T. The impact of school connectedness and teacher support on depressive symptoms in adolescents: A multilevel analysis. *Children and Youth Services Review*, v. 39, p. 101-107, 2014.
- LERNER, R. M.; GALAMBOS, N. L. Adolescent development: challenges and opportunities for research, programs, and policies. *Annual Reviews Psychology*, v. 49, p. 413-446, 1998.
- LISBOA, C.; KOLLER, S. O Microsistema Escolar e os Processos Proximais: Exemplos de Investigações Científicas e Intervenções Práticas. In: KOLLER, S. H. (Ed.). *Ecologia do Desenvolvimento Humano – Pesquisa e Intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 337-354
- LOCATELLI, A. C. D.; BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S. E. R. A motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, p. 268-276, 2007.

- MARQUES, L.; DELL'AGLIO, D. D. Relações com a escola e fatores psicossociais positivos na adolescência. In: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H. (Ed.). *Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 81-102.
- MIGUEL, R.; RIJO, D.; LIMA, L. Fatores de risco para o insucesso escolar: A relevância das variáveis psicológicas e comportamentais do aluno. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, v. 46, n. 1, p. 127-143, 2012.
- NOVAKOVIC, A.; FOAUD, N. Background, personal, and environmental influences on the career planning of adolescent girls. *Journal of Career Development*, v. 40, n. 3, p. 223-244, 2012.
- NURMI, J. How do adolescents see their future? A review of the development of future orientation and planning. *Developmental Review*, v. 11, p. 1-59, 1991.
- OSTI, A.; MARTINELLI, S. Desempenho escolar: Análise comparativa em função do sexo e percepção dos estudantes. *Educação e Pesquisa*, v. 40, n. 1, p. 49-59, 2014.
- POLETO, M.; KOLLER, S. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, v. 25, p. 405-416, 2008.
- SALES, M. El proceso de formación de la identidad de los adolescentes: trabajo, clase y género. *Psicología & Sociedade*, v. 26, p. 161-171, 2014.
- SIDDALL, J.; HUEBNER, E. S.; JIANG, X. A prospective study of differential sources of school-related social support and adolescent global life satisfaction. *American Journal of Orthopsychiatry*, v. 83, n. 1, p. 107-114, 2013.
- SOBROSA, G. et al. Perspectivas de futuro profissional para jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. *Temas em Psicologia*, v. 22, n. 1, p. 223-234, 2014.
- TABBAH, R.; MIRANDA, A.; WHEATON, J. Self-concept in Arab American adolescents: implications of social support and experiences in the schools. *Psychology in the Schools*, v. 49, n. 9, p. 817-827, 2012.
- TURNER, H. et al. Specifying type and location of peer victimization in a national sample of children and youth. *Journal of Youth Adolescence*, n. 40, p. 1052-1067, 2011.
- WANG, M.; ECCLES, J. Social support matters: Longitudinal effects of social support of three dimensions of school engagement from middle to high school. *Child Development*, v. 83, n. 3, p. 877-895, 2012.
- WIESE, B.; FREUND, A. Parent as role models: Parental behavior affects adolescents' plans for work involvement. *International Journal of Behavioral Development*, v. 35, n. 3, p. 218-224, 2011.